

## Cícero Dias: o pincel da liberdade

Paulo Gadelha  
Desembargador Federal do  
TRF da 5ª Região

É uma verdade que não admite contradita: toda manifestação de cultura tem, inequivocamente, um compromisso com a realidade do seu momento.

A arte, assim, como não poderia deixar de ser, assume essa posição.

Inquestionavelmente, a pintura de Cícero Dias foi marcada por profunda e angustiante preocupação com um mundo melhor.

Se havia emoção nas suas cores, as telas trabalhadas espelhavam uma postura de desafio. Um grito plástico querendo anunciar auroras radiantes.

Era a arte, senão repetindo a vida, querendo, todavia, fazê-la mais humana e menos consumista.

Por isso, praticou a liturgia da arte engajada em lutas históricas, como, por exemplo, lembra Arnaldo Bloch, em ensaio recentemente publicado com o título de “O ciclo de Cícero Dias”, onde rememora as relações conflituosas com a ditadura Vargas, o episódio da prisão na Alemanha, em plena Segunda Grande Guerra, sendo libertado em permuta com germânicos presos no Brasil, sem esquecer, é óbvio, “a volta clandestina à França ocupada, onde recebe do escritor Paul Éluard o poema *Liberté*, empreendendo uma arriscada missão para fazê-lo chegar a Londres e ser distribuído, através de panfletos atirados de aviões por toda a Europa”.

Sem dúvida, o amor à arte, ensinando a arte de ser livre.

Cidadão do mundo, Cícero Dias, que morreu em Paris, em 2003, aos 96 anos, não fugia às suas origens pernambucanas.

Para mantê-lo mais vivo nas nossas emoções, realiza-se, em Curitiba, a bela capital do Paraná, nos salões do Museu Oscar Niemeyer, a mostra “Oito décadas de pintura”, reunindo aproximadamente 200 obras do ilustre filho do Engenho Jundiá.

O evento vai até setembro do corrente ano.

A última vez que eu vi o mestre Cícero Dias, foi no ano de 2002. Ele almoçava num restaurante no Recife, quando chego com minha família.

Respeitosamente dirijo-me à sua mesa e falo. “É verdade, mestre Cícero Dias, como o senhor viu, o mundo começava no Recife. Agora, o senhor vai ficar sabendo onde ele termina. Eu vi! Ele termina em Sousa, a fada morena dos sertões paraibanos”.

Ele riu e, com certeza, esteticamente, deve ter concordado comigo.